

## ENTREVISTA COM A PROFESSORA DOUTORA MARIA ADÉLIA APARECIDA DE SOUZA - PARTE I

Gil Carlos Silveira Porto<sup>1</sup>  
Márcio Abondanza Vitiello<sup>2</sup>

**Resumo:** Entre os dias 10 e 12 de junho de 2019, o curso de Geografia da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG) recebeu o V GEOSIMPÓSIO e o III GEOTRANS para discutir conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. Foram três dias de robustos debates, que tiveram como centralidade a dimensão política do espaço geográfico e a participação de importantes intelectuais da Geografia brasileira, como a professora Maria Adélia de Souza, que na conferência de encerramento nos presenteou com a necessária discussão sobre “Desigualdades socioespaciais e a constituição dos lugares nas cidades”. Na manhã do último dia do evento a professora Maria Adélia de Souza concedeu a presente entrevista, na qual retrata sua trajetória na Geografia brasileira, discorre sobre a crise que essa área do conhecimento enfrenta e reforça a importância da Geografia Nova construída pelo professor Milton Santos como possibilidade de superá-la.

**Palavras-chave:** Formação Escolar. Formação Acadêmica. Planejamento Territorial. Método. Política de Governo.

## INTERVIEW WITH PROFESSOR MARIA ADÉLIA APARECIDA DE SOUZA, PhD - PART I

**Abstract:** From June 10th to 12th, 2019, the Geography course of the Federal University of Alfenas - UNIFAL / MG received the V GEOSIMPÓSIO and III GEOTRANS to discuss conflicts and territorial inequalities in contemporary society. There were three days of robust debates, focused on the political dimension of the geographical space and the participation of important intellectuals from Brazilian Geography, such as teacher Maria Adélia de Souza, who presented the closing conference with the necessary discussion on “Socio-spatial inequalities and the constitution of places in cities”. On the morning of the last day of the event, Maria Adélia gave the following interview, in which she portrays her trajectory in Brazilian Geography, discusses the crisis that this area of knowledge faces and reinforces the importance of the New Geography built by Professor Milton Santos as possibility of overcoming it.

**Keywords:** Education. Academic Education. Territorial Planning. Method. Policy.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), Instituto de Ciências da Natureza, Curso de Graduação e Pós-Graduação em Geografia, Alfenas, Brasil, [gil.porto@unifal-mg.edu.br](mailto:gil.porto@unifal-mg.edu.br), <https://orcid.org/0000-0002-4114-740X>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), Instituto de Ciências da Natureza, Curso de Graduação em Geografia, Alfenas, Brasil, [marcio.vitiello@unifal-mg.edu.br](mailto:marcio.vitiello@unifal-mg.edu.br), <https://orcid.org/0000-0001-5624-8601>

## **ENTREVISTA CON LA PROFESORA DOCTORA MARIA ADÉLIA APARECIDA DE SOUZA - PARTE I**

**Resumen:** Del 10 al 12 de junio de 2019, el curso de Geografía de la Universidad Federal de Alfenas - UNIFAL / MG recibió el V GEOSIMPÓSIO y el III GEOTRANS para discutir los conflictos y desigualdades territoriales en la sociedad contemporánea. Fueron tres días de debates sólidos, centrados en la dimensión política del espacio geográfico y la participación de importantes intelectuales de la Geografía brasileña, como la profesora Maria Adélia de Souza, quien presentó la conferencia de clausura con la necesaria discusión sobre las “Desigualdades socioespaciales y la constitución de lugares en las ciudades”. En la mañana del último día del evento, Maria Adélia concedió la siguiente entrevista, en la que retrata su trayectoria en la Geografía brasileña, analiza la crisis que enfrenta esta área del conocimiento y refuerza la importancia de la Nueva Geografía construida por el profesor Milton Santos como posibilidad de superarla.

**Palabras clave:** Formación Escolar. Formación Académica. Planificación Territorial. Método. Política de Gobierno.

**Como hoje é Dia dos Namorados e a gente fala em afetividade, paixão e amor, então vamos encaminhar a primeira pergunta mais ou menos nesse sentido.**

**Como se desenvolveu sua relação com a Geografia?**

Eu sou mística. Para espanto dos meus colegas da USP, eu acredito em Deus. Fazer o quê? E, para espanto maior, eu pratico. E, por isso mesmo, e por ter essa religiosidade, que eu herdei da minha avó, pois minha mãe era espírita e meu pai era anticlerical. Foi minha avó italiana, uma mulher maravilhosa, quem me ensinou muito sobre a dimensão metafísica e religiosa da existência.

Eu fui concebida em Andradas, no Sul de Minas, onde morei até os sete anos. Fui registrada em Espírito Santo do Pinhal. Depois, moramos em um bairro rural que era uma pequena estação ferroviária da velha Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, há muito tempo fechada. Atualmente essa localidade é chamada de Estiva (hoje município de Estiva Gerbi, em homenagem a uma família italiana que lá instalou uma cerâmica que existe até hoje). Daí fui morar em Pinhal com meus avós maternos, onde fiz o primeiro ano do ensino primário no Grupo Escolar Almeida Vergueiro, e depois fui morar, novamente, com meus pais em São João da Boa Vista, onde a partir do segundo ano completei o curso primário no Grupo Escolar Coronel Joaquim José e os cursos secundários daquela época (ginasial e científico, hoje fundamental e médio) no Colégio Estadual e Escola Normal Coronel Cristiano Osório de Oliveira. Muitos “coronéis” do café, naquela cidade, dão nome a

instituições públicas. Daí fui direto para a USP em 1959, quando iniciei a graduação em Geografia. Sou uma migrante eterna e penso que ainda não para por aqui esse processo em minha vida.

Desde menina, sempre tive essa preocupação com a existência, com a morte (minha primeira experiência com ela foi o falecimento de meu avô, em 1951). Eu nunca tive medo de morrer. Aliás, às vezes chego a pedi-la, num ato de fraqueza, quando me desanimo. "Pelo amor de Deus, me tira dessa canseira", costumo dizer desrespeitosamente para com a vida que, eu sei, é eterna, como também me ensinou Ortega y Gasset. Eu só tenho um medo, que é ser enterrada viva (risos), porque contavam antigamente, aqui em Minas Gerais, onde vivi até os 7 anos, histórias das pessoas que eram enterradas vivas. Cansei de ouvi-las na minha infância.

Fui sempre criando em mim, por conta disso tudo, uma enorme curiosidade sobre o mundo e a vida das pessoas nele. Foi essa preocupação que me levou a estudar Geografia. Aliado a isso eu tive, no curso ginásial, um grande professor de Geografia, a quem devo, definitivamente, a minha opção por essa disciplina, o professor Romeu Menezes Cabral. Em suas aulas, ele filosofava sobre o espaço geográfico, introduzindo-me desde muito cedo nessa outra disciplina magnífica que é a Filosofia, facilitando hoje minha compreensão da proposta de Milton Santos de que a Geografia é uma filosofia das técnicas, dada a importância destas, na construção das paisagens, porta de entrada do conhecimento geográfico, como costumo dizer. O geógrafo é hoje um filósofo da técnica. Essas são as razões pelas quais decidi desde menina estudar Geografia e ser professora de Geografia. Nunca tive nenhuma dúvida sobre isso. Mas, além da Geografia, eu queria fazer Direito, porque naqueles tempos eu assistia aqueles filmes americanos — a minha geração foi formada pelos filmes americanos, aquelas baboseiras da Disney, repletas de intencionalidades políticas americanoides, como *Cinderela* e *Branca de Neve e os Sete Anões*, e os filmes de juízes justos que existiam na sociedade americana, que se encaixavam perfeitamente no catolicismo e no cristianismo puro que minha avó me ensinava. Eu queria antes mesmo da Geografia era ser juíza, daquelas corretas, justiceiras. Juntava a isso então o meu cristianismo, esse interesse pela transcendência, pela justiça, pela eternidade. Mas a Geografia me oferecia parte disso, conforme ensinava o professor Romeu, levando-me a conhecer algo fascinante e tangível que era o mundo! Eu pensava isso também naquela época,

quando menina – aliás, como fazem até hoje com a infância que nos torna adultos precoces, pois começamos a decidir sobre a vida quando nada sabemos dela, perguntando-nos insistentemente “O que você quer ser quando crescer”? Eu imaginava: "Se eu for juíza, vai ser um prato feito para juntar todas as minhas 'vocações'. Porque eu tenho mania de ser justiceira – não no sentido do mundo do crime, mas da vivência plena da justiça –, utopias que desde menina busco vivenciar e aplicar. Até hoje! Então eu encontrei esse caminho na Geografia, e através dela, também, no Planejamento Territorial, ou Urbano e Regional, como é costume chamá-lo, buscando, quando aprendi mais sobre eles e com o amadurecimento com leituras e leituras de muitos livros! Além, da convivência com Milton Santos durante anos, aprendi, então, a fazer a crítica dessa Geografia e do Planejamento Territorial, que aprendi e pratiquei durante décadas. Eu me preparei para isso, e estou bemafiada. Eu acho que é nesse campo que, agora, estou dando a minha contribuição à Geografia, que é uma disciplina maravilhosa. Pena que muitos geógrafos insistam em não a atualizar e a grande maioria dos cursos de graduação em Geografia no Brasil e no mundo a mantenha nos moldes das grades de ensino do início do século XX, quando ela se refunda como Geografia Humana, na França.

### **E como foi sua formação universitária? Como foi sua trajetória na graduação e na pós-graduação?**

Eu sabia que queria fazer Geografia, como disse há pouco, sob a influência do professor Romeu Menezes Cabral. Lamentavelmente, as notícias que chegavam ao interior sobre a universidade naquele tempo vinham apenas através das elites de São João da Boa Vista, cujas filhas e filhos estudavam em São Paulo, nas escolas privadas, como o Sedes Sapientiae, ou então na PUC. Eu nunca tinha ouvido falar da USP! Em realidade, os cursos do ensino ginasial e científico daquela época eram ministrados de forma improvisada, mas bastante dedicada, com profissionais da cidade, tais como o advogado que ensinava História, o médico que ensinava Química, o engenheiro da prefeitura municipal que ensinava Física, o professor primário tornando-se professor do secundário – enfim, não fora isso o ensino público não existiria no interior de um país pobre como o nosso. Foi na minha geração que começaram a chegar os professores que haviam feito cursos universitários específicos para nos ensinar História Natural, Francês, Desenho, Matemática! Aí eu, não me lembro nem como, mas acho que foi o próprio professor Romeu quem

me falou: "Mas tem a USP". E fiquei pensando: "Que diabo de USP é isso?". E fui me informar. Com enorme dificuldade, porque é bom lembrar que naquele tempo não tinha internet, mal tinha telefone! Eu consegui saber que se fazia um vestibular para entrar na universidade, mas não sabia bem o que era isso e quando acontecia esse vestibular. Aí, minha mãe, que havia feito o curso de Farmácia na UFMG, me disse: "Minha filha, então a gente vai logo para São Paulo, você tem uns tios lá, vai morar com um deles, você vai lá nessa USP para saber como é esse negócio". E começamos, ela e eu, a nos preparar para essa verdadeira aventura. Comecei a dar umas aulas particulares – "reforço", como se diz hoje – para algumas pessoas, juntei dinheiro para me manter em São Paulo pelo menos uns dois meses de algum jeito, eu também não sabia como! A cidade de São Paulo ficava tão longe, as notícias que vinham dela eram ambíguas, pois tanto se falava na cidade rica, do futuro, a Locomotiva Nacional, quanto da cidade de batedores de carteiras nas ruas e de outras tristes ameaças para uma jovem provinciana, do interior. Digo isso para que se tenha uma ideia das dificuldades que tinha há mais de meio século o estudante de Geografia, porque a maioria dos que entraram na USP em 1959 não era do interior, em sua maioria eram paulistanos, e em ambos os casos a esmagadora maioria de nós não vinha das elites nem da classe média alta! Raríssimos vieram destas duas últimas, filhos de profissionais liberais, de comerciantes bem-sucedidos! Nós, a maioria da minha turma, viemos das classes trabalhadoras. Mas, enfim, quando chegou o dia 2 de janeiro de 1959, eu e mais dois colegas, amigos até hoje, pegamos um ônibus em São João da Boa Vista – um deles tornou-se um dos grandes produtores de teatro de São Paulo, João Roberto Simões e a Leninha, Marilene Gonçalves, hoje terapeuta ocupacional que vive ali por perto de Ribeirão Preto, que era minha amiga e também queria estudar. Nós três pegamos o ônibus e fomos para São Paulo. Minha mãe foi quem nos levou. Minha mãe tinha o dinheiro da passagem de ida e de volta. Eu tinha apenas o da ida e minhas economias. Tinha descoberto que havia uma Casa da Universitária de São Paulo lá no bairro Paraíso, final da avenida Paulista, mantida pelo bispado de São Paulo. E fui direto para lá, "de mala e cuia", como se dizia no interior, buscar alojamento, no dia em que cheguei a São Paulo. Nós, do interior, tínhamos uma santa ingenuidade! Naquele tempo não se tinha sobre as coisas da vida a informação que se tem hoje! Eu bati na porta da Casa da Universitária, atendeu-me uma jovem japonesa – soube ali que era do colegiado de estudantes que dirigia a casa –, que me informou na porta mesmo

que não tinha vaga. Desesperada, com minha mãe ao meu lado, eu argumentei: "Mas olha, eu não tenho para onde ir e eu quero fazer o vestibular! Você me deixa dormir aqui na sala, em algum lugar?". Aí, nessa conversa inicial, na sala de estar da casa, eu descobri também que teria de pagar um curso vestibular, que eu não sabia que existia, era pago e eu não tinha como pagar! Acabei sendo aceita na casa, pagando com trabalho (faxina e cuidados com a louça da cozinha) a minha hospedagem durante alguns meses. Então, naquele mesmo dia, uma das moças da casa me falou: "Adélia, eu te empresto o material do vestibular que farei em Pedagogia e a base de muitas disciplinas é a mesma. Você precisa só saber as questões específicas de Geografia". Foi aí que me fiei nos ensinamentos de meu professor de Geografia, sobre quem já falei aqui. Mas, disse-me ela também: "Só que eu, durante o dia, estudo e uso esse material". Então, de noite ela me emprestava os livros e, enquanto ela dormia, eu ia para o banheiro, punha meus pés numa bacia de água fria para não dormir e estudava a noite inteira. Entrei bem classificada no vestibular de Geografia da USP logo na primeira vez que prestei os exames. E sem fazer o tal Curso Vestibular. Dedicção e disciplina são trilhas que jamais abandono em minha vida até hoje.

### **Já decidida a fazer Geografia?**

E entrei direto no curso de Geografia. Mas a fragilidade da formação da gente do interior naquela época era grande. A minha geração foi a primeira geração de filho de trabalhador que chega à USP, pelo menos na USP daqueles tempos, como lhes disse. A Geografia, tristemente, sempre esteve no porão das decisões acadêmicas, era a última opção dos candidatos, como é até hoje. Afinal, a quem agradava ser professor de Geografia, aquela coisa chata de ficar decorando nomes de países, capitais, nome de rios e seus afluentes, altura de montanhas e por aí vai... Como, tristemente, ainda por aí vai até hoje! É o curso que se tornou a opção (e última) de socorro de quem quer ficar na universidade, depois de ter tentado tudo, salvo as exceções de sempre, como, aliás, foi o meu caso e de muitas e muitos da minha turma. Naquele tempo tínhamos de saber escolher o que queríamos, pois não havia escolha nem troca. E era um privilégio e dava muito prestígio ser professor. E o curso de Geografia apenas formava professores para o ensino secundário. Ensinar na Universidade, nem pensar!!! O catedrático escolhia seus assistentes! E seus critérios eram altamente subjetivos! Nesse sentido fui pioneira, ainda como

estudante de Geografia, em contribuir para uma equipe de profissionais multidisciplinares no campo do Planejamento, que vai acabar por me envolver, empurrada também pelo conselho do Departamento de Geografia da USP, a vida toda no ensino do Planejamento na graduação do curso de Geografia da USP. Acabo de ser pró-reitora de graduação da Unila (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), por isso sei bem como as coisas funcionam na dinâmica da vida acadêmica. Infelizmente eu sei que as coisas ainda funcionam assim: antes o catedrático escolhia, hoje são grupos políticos que decidem quem é aprovado em concurso, e isso é escandaloso, nos cursos de Geografia no Brasil. Em assim procedendo nos concursos de ingresso, nós não nos damos o respeito! E toda a nossa comunidade sabe disso! Numa disciplina que é essencial, esse comportamento institucional tem perdido, ao longo do caminho, grandes geógrafos que estão por aí no ensino secundário fazendo excelente trabalho e que seriam indispensáveis para o aprimoramento, no curso superior, do ensino e da pesquisa em Geografia! Falta grandeza no pensar a Geografia e no que fazer com ela. É só ler o Milton Santos para poder conhecer o mundo e contribuir com o nosso trabalho para tirá-lo da enrascada em que está metido. Você tem que fazer a discussão filosófica sobre o mundo real. Eu tenho pagado muito caro com essa tarefa que decidi, quase solitariamente, realizar publicamente: a crítica da Geografia ensinada e produzida hoje por aí em muitos livros, no mundo e no Brasil. A nossa Geografia, além de ultrapositivista, é fragmentada. Costumo dizer que, pela fragilidade da nossa ação e pela ação política institucional frágil de nossas lideranças acadêmicas e científicas, estamos em dissolução e perdendo a nossa institucionalidade. A Geografia se apequena institucionalmente em seu papel e em sua influência nos processos de decisão de políticas de várias naturezas nas instituições públicas – *vide* o que viramos no IBGE, estudos de grande relevância feitos por um pequenino departamento! A toda hora estamos ameaçados de extinção nos currículos escolares, disputamos com muito trabalho verbas nas agências de financiamento e por aí vai! Essa fragmentação sem limites da Geografia, que se dá com base em novidades, sem discussão epistemológica profunda, acontece sempre! Não há Geografia Urbana, Geografia Agrária, Geografia da Indústria, Geografia Política, Geografia do Turismo, Geografia das Cidades Medias etc. etc. A Geografia tem apenas um objeto e um método, e é com ele que nos constituímos como disciplina

científica, estudando todas as formas de paisagem resultantes da vida humana no planeta! Discutamos isso com seriedade!

### **Como surgiu seu interesse pelo Urbanismo, pela Geografia Urbana e pelo Planejamento Urbano?**

Durante minha graduação, por ser militante da Ação Católica, acabei conhecendo um grupo de arquitetos que discutia sobre Urbanismo. Eu me interessava muito pelas discussões que a Faculdade de Arquitetura realizava, o Urbanismo faz parte do seu currículo e essa faculdade era nossa vizinha: o curso de Geografia da USP (aquele porão a que já me referi aqui, anteriormente) era dividido em pedaços ensinados na rua Maria Antônia, na alameda Gleite e na Cidade Universitária, numa ala do prédio da Reitoria Velha, onde hoje funciona a Edusp, o IEA USP, a Rádio USP etc.. E as aulas de Geografia Urbana não discutiam aquelas questões, embora eu tenha tido uma excelente professora nessa disciplina, que também chamou minha atenção para o urbano, a professora Nice Lecquoc Muller. Mas a Geografia Urbana ensinada no nosso curso era funcionalista e descritiva ao extremo: compreender a função comercial, a função industrial, habitacional da cidade, muita teoria da localização, que no mundo de hoje não tem mais sentido. E eu fui me aproximando de colegas arquitetos, economistas – militantes, como eu, da Ação Católica, da JUC (Juventude Universitária Católica). Nesse contexto, eu devia estar no segundo ano da graduação, um desses meus amigos, o economista Pedro Calil Padis, me disse: “Adélia, vai abrir uma seleção para estagiário na Sagmacs”<sup>3</sup>, que era um grupo que se instituiu em São Paulo, vinculado aos padres dominicanos e a um líder do movimento Economia e Humanismo, Padre Jean Louis Lebret, que morava em Paris e criou um instituto de formação de planejadores – planejadores econômicos, planejadores sociais e planejadores territoriais. “Vai abrir lá um estágio”, insistiu. “Puxa vida, e como é que é?”. Ele falou: “Olha, tem lá umas entrevistas. Eu acho que você tem grande chance porque não tem nenhum geógrafo que se interesse pelo Planejamento”. Não existia, de fato. Eu fui pioneira, como geógrafa. Havia, sim, um geógrafo formado no Rio de Janeiro e que trabalhava como planejador, Guilherme Dutra da Fonseca, que depois vim a conhecer e ficamos amigos. Por isso acho que fui eleita pioneira da ciência pelo CNPq em 2018,

---

<sup>3</sup> A Sagmacs (Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais) fez os primeiros planos diretores do Brasil e formou uma geração pioneira de planejadores urbanos em nosso país.



ainda não entendi bem quem me elegeu! Embora fosse mais velha que eu, Lísia Bernardes, competente colega do Rio de Janeiro, chegou depois, nos anos 1970, ao planejamento, sendo também uma geógrafa dedicada às questões urbanas e metropolitanas.

### **De Geografia Urbana?**

Voltando ao meu estágio na Sagemacs, ela havia recebido um convite do Ney Braga para fazer o plano de governo do Paraná. E eu fui trabalhar como pesquisadora. Escrava, peão de base, bagrinho (como eles nos chamavam antigamente), nas pesquisas de campo, junto com o arquiteto Flávio Villaça, que é meu grande amigo. Aprendi com Flávio a fazer todo o trabalho de campo do norte do Paraná. E foi aí que comecei a me entusiasmar pela questão do planejamento. Juntei um material desse trabalho, com o qual eu fui fazer meu mestrado em Paris orientada pelo professor Celso Furtado, porque aqui não tinha pós-graduação. Antigamente não havia, como hoje, nem curso e nem programa de pós-graduação para se fazer carreira acadêmica. Era o catedrático quem dizia para um dos seus colaboradores: "Você é o meu melhor aluno, então você vai fazer um doutorado", cuja vaga era solicitada certamente na administração da universidade e oferecida a esse aluno ou colaborador. E, como doutor, ele ia subindo na carreira. Mas era o catedrático que mandava. Eu tinha sido, com minha querida amiga Regina Sader, militante política, ambas na Ação Católica. Assim, participei como liderança do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e fizemos a primeira ocupação de uma universidade brasileira. Você pensa que é pouco? Nós nos estabelecemos no Grêmio, na rua Maria Antônia, e lá nos reuníamos, cantávamos com Sergio Ricardo, que em 1967 quebrou o violão na final do III Festival da Música Popular Brasileira, promovido pela TV Record. Nós fizemos a primeira ocupação, isso era em 1960, 1961, antes de me formar em 1962. Aldo Arantes, de Goiás, era então o presidente da UNE e Luiz Oscar Cunha de Toledo, da minha turma de graduação em Geografia, foi eleito vice-presidente. Éramos uma turma da pesada em termos de política estudantil e acadêmica. Aprendi a fazer política nessa militância. Mas com "P" maiúsculo!

### **Aí você seguiu para a pós-graduação lá na França?**

Quando eu estava estagiando na Sagmacs, um dia entra na biblioteca, onde tinha a minha mesinha de trabalho, aprendendo a fazer tabelas, mapas temáticos e gráficos, um senhor com uma bata branca: era o padre Lebret, nosso grande líder, acompanhado de um velhinho baixinho, extremamente simpático, falando francês, que era o Pierre Monbeig, renomado geógrafo francês do século passado e fundador do curso de Geografia da USP. E foram os dois lá na biblioteca para conhecer a única geógrafa - foi por isso que eu virei estagiária da Sagmacs. Então o Monbeig disse: "Essa moça precisa estudar em Paris. Quando ela terminar a graduação...". E eu estava ainda no segundo ano!! "Ela vai para Paris." E eu já falei: "Olha, que eu vou aguardar, hein!"

Evidentemente que eu terminei a graduação em Geografia e fui fazer o curso do IRFED (Instituto de Pesquisa e de Informação para o Desenvolvimento) em Paris com o padre Lebret, a fim de me preparar para o planejamento territorial. Então o professor Pierre Monbeig falou: "E depois você vai fazer mestrado e doutorado lá, comigo". E aí eu fui para a França em novembro de 1963, chegando lá no dia do assassinato do presidente Kennedy e sete dias após a morte de um ídolo da canção francesa que foi Edith Piaf. Fui fazer o curso do padre Lebret. Depois, entrei no mestrado, com o professor Monbeig, mas ele foi convidado pelo presidente De Gaulle para dirigir o CNRS (Conselho Nacional de Pesquisa da França), correspondente ao nosso CNPq. Foi então que ele me encaminhou para o professor Celso Furtado, que tinha acabado de chegar à França como exilado e foi convidado a trabalhar na pós-graduação no Instituto de Altos Estudos da América Latina. Então, o professor Monbeig inscreveu doze alunos dele para serem orientados por Celso Furtado e mais quatro, que chegaram vindos não me lembro mais de onde. Nós éramos dezesseis orientandos. Felizmente, o professor Celso Furtado, economista, se interessou pela minha proposta de estudar a urbanização do Paraná numa outra perspectiva, que era geográfica, não econômica. Eu levei um projeto para ele examinar, bem ao gosto da pobre Geografia analítica e descritiva que eu aprendi na USP e que sempre fizemos, partindo do geral para o particular, como nos ensinavam. Para tanto, comecei a falar da Pólis lá na Grécia, na Antiguidade Clássica, até chegar ao estudo da urbanização do Paraná no século XX (risos). E depois de ler, em nosso encontro onde eu receberia a aceitação ou não dele para me orientar, ele falou, com a sinceridade e agudeza que lhe era peculiar, como acabei descobrindo duramente, mas que valeu muito na minha formação intelectual

e acadêmica: "Escuta aqui, teu compromisso é com o passado ou é com o futuro?" Mas me aceitou, fez sugestões para o aprimoramento do projeto e lá voltei eu, feliz, para minha casa. Guardei todos esses documentos que fui escrevendo para o professor durante o processo de orientação do mestrado. Isso é, até hoje, uma aula de método. Fiz então o mestrado com ele no sistema seguinte: o padre Lebret me conseguiu uma bolsa num Comitê Católico Contra a Fome para o Desenvolvimento, que era oferecida a alunos, regularmente inscritos em mestrado ou doutorado, oriundos dos países subdesenvolvidos. E foi essa bolsa que me sustentou durante o mestrado. O professor Celso Furtado, em sua prática acadêmica, dava aulas para seus alunos, dava orientações individuais de trinta minutos, muito bem preparadas e organizadas por ele... e para nós dirigia seminários mensais de pesquisa, onde deveríamos ir mostrando nossa evolução no trabalho de pesquisa. Esses seminários avaliados por ele eram eliminatórios. Ele fazia a crítica direta, coletiva, sobre nossas apresentações e a partir daí poderíamos prosseguir ou perder a bolsa e, claro, voltar para nosso país. Foi com ele que eu aprendi a ser rigorosa. Ele me ensinou a ser rigorosa, coisa que prezo muito até hoje. Fazíamos o seminário, ele comentava criticamente, apontava se você havia trabalhado ou não, se suas dificuldades poderiam ser vencidas etc., mas depois do quê? Ninguém era pego de surpresa. Por quê? Além dos seminários coletivos, das aulas, havia a orientação individual, onde ele colocava nosso trabalho nos eixos e nos recomendava o que ler e que cursos fazer em outros institutos e faculdades da Universidade de Paris para aprimorar a nossa formação. E havia a orientação individual dele: você mandava um bilhete – "Professor, eu quero ter um encontro com o senhor. Estou precisando ler, não sei o que ler, estou perdida. Estou congelada aqui, neste momento do meu trabalho, e eu não sei para onde ir". E mandava com *pneumatique*, que era uma coisa que tinha na França, que é o Sedex nosso aqui no Brasil de hoje. La já existia nos anos 1960! Isso já tinha aqui naquele tempo. Em uma hora e meia a pessoa recebia. Aí ele respondia com outro *pneumatique*: "tal dia, tal hora nós vamos nos encontrar e resolver esse problema em quinze minutos, ou em vinte minutos". E, chegando lá, ele estava preparadíssimo para orientar a gente. Você anotava, fazia a lição de casa e ele cobrava no seminário. Aí, quando você fosse para o seminário, ele já sabia em que você tinha tido dificuldade. Se percebesse que você não tinha estudado, ele dava uma chance, no seminário. "Por que você não leu isso? Você continua do mesmo jeito. Vou te dar mais uma chance", dizia ele, dependendo do nosso esforço,

do nosso trabalho. Se na próxima vez, com a segunda chance que ele havia dado, você não tivesse adiantado a sua pesquisa, aí você era eliminado do mestrado, que naquele tempo ainda não se chamava assim; era um diploma de estudos superiores na França. Ele dizia que não é possível desperdiçar o dinheiro público, especialmente com bolsistas que tinham toda a tranquilidade para só estudar. E mandava embora, sem perdão! E ele estava certíssimo! O abuso de bolsistas que viajavam e nada faziam naquela época era enorme... Nós éramos dezesseis alunos e fomos três para a banca final; eu e dois chilenos, um homem e uma mulher, um sociólogo, uma arquiteta e eu, geógrafa. Na banca constituída para os três alunos remanescentes estavam o professor Furtado, Pierre Monbeig e Bernard Kaiser, da Universidade de Toulouse. Na arguição os dois colegas foram reprovados e apenas eu fui aprovada. Após a arguição, entrei em pânico, tive uma diarreia (risos), precisei ir ao banheiro e a banca ficou me esperando para dar o resultado. Vexame total! Eu não esperava ser aprovada diante do rigor das arguições. Mal sabia eu que seria a única aprovada! Uma hora e meia com minha diarreia e a banca esperando para dar o veredito!!! Foi assim que eu me tornei Mestre. Nesse mesmo momento o professor Monbeig me falou: "Agora, o doutorado você vai fazer comigo".

### **Em qual universidade, professora?**

Universidade de Paris I. Na Sorbonne. Naquele tempo, antes da reforma provocada pela Revolução de Maio de 1968, que mudou a estrutura universitária francesa. Foi quando eu comecei a fazer o doutorado com o professor Monbeig, e mais uma vez ele não deu conta porque suas tarefas no CNRS eram imensas. Então ele me encaminhou para o professor Michel Rochefort, e foi uma maravilha de aprendizado geográfico e humano. Você imaginou eu fazer um mestrado com um homem da qualidade do Celso Furtado? E depois fui acolhida pelo enorme conhecimento epistemológico de Michel Rochefort, que foi aluno do Pierre George. Então eu fiz o doutorado com ele e comecei, sob sua orientação, a refazer no Instituto de Geografia de Paris I toda a minha graduação, enquanto fazia o doutorado. Aprendi sobre trabalho de campo com o Yves Lacoste, o jovem Yves Lacoste. Muito exigente, mas depois ficou meu amigo. Um grande geógrafo. Lembro-me, pois fui muitas vezes pedir-lhe orientação, que ele morava num apartamento mínimo, e o cachorro que ele tinha era maior do que o apartamento... [risos]. Cabiam aí ele, eu e o cachorro (risos). Mas uma beleza de pessoa, um grande professor. Tive aulas com

Jean Tricart, que orientou o Milton no doutorado e que vinha de Estrasburgo para nos apresentar alguns seminários, com Pierre George, que não era professor lá, mas vinha proferir magníficas conferências. Assim, eu tive toda essa oportunidade para a minha formação como geógrafa. Mas também aproveitei, por iniciativa própria, para consolidar a minha formação: fui fazer um curso de metodologia de três anos com o Jean-Paul Sartre. Isso para dizer como foi a minha formação. Eu não fiquei só na Geografia. Então eu fui fazer o curso do professor François Perroux, economista que criou o conceito de espaço banal. Fiz o curso do Jacques Boudeville. Fui fazer todos os cursos do IEDES (Institut d'Études du Développement Économique et Social), da Universidade de Paris, famoso e na época uma novidade institucional dentro da universidade, dando uma formação diferenciada, multidisciplinar, para todas e todos os interessados na questão do desenvolvimento/subdesenvolvimento que então se discutia. Por exemplo, fiz lá o curso de Pierre Salama, historiador e arqueólogo, especialista em "Geografia Histórica", que faleceu recentemente. Mais tarde fiz um curso com Henri Lefebvre, nas inúmeras vezes em que voltei à França. Ainda tenho o curso que Michel Foucault ofereceu no Collège de France, gravado, em casa. Fiz o curso dele sobre a sexualidade. Como eu tinha bolsa de estudos e não precisava trabalhar para sobreviver, aproveitava ao máximo o meu tempo investindo na minha formação intelectual. E a França no século XX era o paraíso para isso, na perspectiva do humanismo. Mas, até que eu conseguisse a bolsa, eu trabalhava no verão, para juntar dinheiro e viver no resto do ano, como babá, garçonne, balconista de butique, colando rótulo de vidro de perfume na Chanel, fazendo pontas em filmes, enfim, uma quantidade enorme de trabalhos que eram oferecidos por um órgão de assistência estudantil na universidade. Nos ajudavam buscando alojamento e trabalho! Eu nunca fui motivada pelo dinheiro, fui motivada pelo conhecimento, que eu acho que é o maior valor e o único poder que existe, depois do poder popular: o poder do conhecimento. Então eu fiz o doutorado com o professor Rochefort, que foi um grande orientador, meu amigo da vida inteira. Morreu em 2015, acho que de tristeza. Michel foi uma dessas pessoas que deveria ser eterna pelo amor à vida e por saber viver e nos ensinar.

Quando estudante em Paris, depois que fiz o IRFED e fui fazer o mestrado, eu acordava às cinco da manhã. Tinha uma bicicleta, que havia comprado porque, na França daquela época, tudo era barato. Eu tinha uma bicicleta inglesa, que dobrava,

e virava um banco, porque não tinha lugar para você se sentar nos cursos e seminários do Collège de France, onde os maiores intelectuais da França ofereciam cursos e seminários. Estavam sempre lotados! Superlotados. Eu chegava às seis horas da manhã ao Collège de France para poder achar um lugar para assistir ao curso do Michel Foucault. Também assisti a muitas conferências do Roland Barthes. Eu leio muito, mas tenho um eixo de trabalho que é o edifício teórico metodológico da Geografia. Saio, converso e volto; saio, converso e volto sempre para a Geografia, para compreendê-la melhor e fortalecer a sua importância como disciplina do conhecimento. Com isso eu aprendi a construir o método da minha disciplina e não o abandono jamais. Senão fica aquela coisa feita por um colega ontem: abre, abre, abre, o tema buscando diálogos em outras disciplinas, estica a perna e cai. Não chega a lugar nenhum! Produz um discurso pseudo-erudito, mas fácil de derrubar, quando se discute o método geográfico. E eu tive de ir falar isso para ele, mas acho que não ficou contente. Mas eu fiz porque gostei dele, dei um beijo nele e falei: "Rapaz, eu só estou te dizendo isso porque nós precisamos de um bom geógrafo, e você é o que eu escolhi agora. Eu escolhi e você não tem nada a ver com isso". Eu escolhi o Milton porque o Milton estava sendo mandado embora do Departamento de Geografia da USP! Queriam mandá-lo para o curso de Economia. Votando em uma reunião do conselho do departamento na sua ausência. Nunca fomos do conselho do departamento, pois não éramos confiáveis nem dos alunos (manipulados) nem dos colegas professores que constituíam o conselho! Assim é a política acadêmica, na sua base. Para que todos saibam o que fazem... sobretudo os alunos!

**E depois de sua experiência como estudante na Universidade de Paris I, como foi o seu ingresso na USP como professora?**

Bom, aí eu voltei em meados de 1966, logo após a defesa de meu mestrado, e fiquei um bom tempo buscando trabalho. E o consegui graças a um amigo da Sagemacs, o arquiteto Luiz Carlos Costa, que organizava na Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo o planejamento regional e metropolitano. Tive o enorme prazer de receber um convite para trabalhar com ele e participar da definição da primeira regionalização administrativa do Estado de São Paulo e da criação do Gegrans (Grupo Executivo da Grande São Paulo), que depois se tornaria a Emplasa (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano). Entrei para trabalhar na USP,

como professora provisória, sem salário, em 1970 e 1971. Fui convidada pelo professor José Ribeiro de Araújo Filho, porque havia uma disciplina de Planejamento que ninguém sabia dar. Depois de trabalhar de 1967 até 1970 no governo de São Paulo (Secretaria de Planejamento), como dito acima, e na Secretaria da Fazenda na Assessoria de Política Econômica durante o governo militar, é bom lembrar, porque eu não conseguia entrar na universidade. Com a mudança do governo Abreu Sodré, perdi o emprego e consegui trabalho no Rio de Janeiro, no Serfhau (Serviço Federal de Habitação e Urbanismo), que era ligado ao Ministério do Interior. O Serfhau administrava um fundo de recursos muito grande para estimular o planejamento municipal; era um recurso significativo, a fundo perdido, para a elaboração de planos diretores ou outros nomes que havia na época, como Plano de Desenvolvimento Integrado etc. etc. E, ao mesmo tempo que faziam, ou discutiam, um plano, os técnicos do Serfhau eram convocados para definir metodologias de planejamento municipal, o que também abria um campo de trabalho para as consultorias privadas de planejamento e urbanismo. Abrir espaço para as consultorias e grandes escritórios de planejamento era uma importante finalidade do Serfhau. Foi nessa época também, como já disse, que toda sexta-feira eu viajava para São Paulo para dar aula de Planejamento no departamento de Geografia da USP, sem receber salário algum, nem sequer ajuda de custo. Meus amigos e compadres Lucrécia e José Armando Ferrara tiveram a generosidade de me oferecer hospedagem por muito tempo em sua casa nas Perdizes. Mas, quando eu estava lá no Rio de Janeiro trabalhando no SERFHAU, o professor Nestor Goulart Reis, diretor da Faculdade de Arquitetura da USP, foi à minha sala e disse: "Adélia, eu não a conheço". E: "Eu assumi a direção da FAU e estou querendo montar a pós-graduação na FAU; já estão me ajudando o professor Juarez Brandão Lopes, sociólogo, e o arquiteto Leo Nishikawa, da área de tecnologia", que não existia até em 1971. "E eu soube que você já tem o mestrado, que está se preparando para defender o doutorado logo mais".

Então eu disse ao professor Nestor: "É, eu estou aqui no Serfhau e já está demorando mais do que eu queria, porque eu preciso trabalhar no doutorado. Vou fazer meu campo, agora, nas férias, e depois vou redigir a tese. Espero defender o ano que vem ou, o mais tardar, em 73". Ele falou: "Então, venha trabalhar na FAU comigo. Você entra como professora colaboradora, sem concurso, sem nada. Eu estou precisando de você e estou com respaldo dos colegiados". E aí eu fui

trabalhar na FAU, onde sempre fui maravilhosamente recebida e tratada. Aprendi muito com meus ilustres e competentes colegas arquitetos, sociólogos do departamento de História da Arquitetura e Estética do projeto. Naquela época não existia concurso para professor como tem hoje, para professor substituto. E os concursos foram suspensos pelo regime militar durante anos! Aceitei o convite do professor Nestor, a quem sou grata até hoje, voltei para São Paulo e trabalhei na FAU-USP durante treze anos. Fiz meu doutorado estando na FAU, defendi-o em Paris I e voltei como doutora para ajudar na graduação e na pós-graduação da FAU. A USP, depois de três anos, deu equivalência ao meu título de doutora. Eu não sou doutora pela USP, sou doutora pela Universidade de Paris com equivalência de título para entrar na carreira. É uma coisa administrativa da USP. Foi aberto concurso de professor assistente doutor na FAU, fui convidada a me inscrever, o que fiz e fui aprovada, efetivando-me então na USP a partir dele. Mas a minha vontade era trabalhar na Geografia da USP, o que não era possível. Foi quando abriram uma vaga de professor substituto na Geografia e eu fui me inscrever, embora já fosse professora efetiva e já estivesse na carreira uspiana. O Queiroz, o José Pereira de Queiroz, era o chefe de departamento e sua secretária, Dona Julieta, não quis aceitar a minha inscrição. Única maneira que eu teria para trabalhar na Geografia, onde as questões políticas sempre foram e são muito determinantes e sensíveis. Então eu a ameacei, alegando que impetraria um mandado de segurança, chegando inclusive a telefonar para um amigo advogado. E aí me inscrevi. Era uma vaga para o nível de mestre. Eu já era doutora, não usaria (trancaria, como se diz) a vaga caso fosse aprovada e, ainda, o departamento de Geografia ganharia minha vaga de doutor! Quando você tem o título superior ao do edital do concurso, se for aprovada não toma a vaga: você é aprovada, aceita e o professor que estiver em segundo lugar é admitido também com você, desde que você fique em primeiro lugar. Mas, apesar de haver grandes nomes da Geografia brasileira naquele concurso, era muito difícil eu não pegar o primeiro lugar por causa do currículo e da experiência docente que já tinha da FAU e de planejamento no governo de São Paulo e no Serfha. Esse concurso foi uma comédia, com discurso de aluna levando recados de professores (espero que de alguns apenas), pedindo-me para desistir, pois eu já era efetiva etc. etc., completamente ignorante da legislação universitária. Caso eu ficasse em primeiro lugar, eles ganhariam uma vaga, coisa que naqueles tempos não era nada fácil de ser obtida. A minha rejeição por parte do



Departamento era evidente e total. No primeiro sorteio de ponto havia, acho, treze candidatos. Estavam, que eu me lembre, Ruy Moreira, Carlos Walter Porto Gonçalves, que são um pouco mais novos do que eu, acho que um pouquinho, mas são. Era a nata da Geografia! Aí entrou uma menina e fez um discurso olhando para a minha cara: "Esta gente que já é doutora, que já está aqui na universidade, vem aqui interromper a carreira dos geógrafos". Fez um discurso olhando mesmo, assim, para a minha cara. E pediu para me retirar, para eu sair da sala. Imaginem! E a banca assistiu impassível ao discurso da menina! Mas eu fui e fiz meu sorteio. Não preciso lhes dizer que quanto mais me batem, mais sucesso eu faço. Fui extremamente feliz em todos os pontos que sorteei, para todas as provas. E... não deu outra!

### **Era um ambiente de disputa.**

O mais curioso, porém, é que até hoje não saiu publicado normalmente o resultado desse concurso. Então, como é que eu fui parar na Geografia? Isso eu preciso contar. Eu era prefeita da USP tempos depois que fiz esse concurso, continuava na FAU e um dia eu estava despachando com o meu reitor, o professor Hélio Guerra, quando ele me perguntou: "Adélia, que negócio é esse, estou com esse processo aqui, de você estar com um pedido de transferência da FAU para a Geografia?". Eu: "Pedido de transferência? Eu não estou não". Ele falou: "Aqui, o Queiroz". O Queiroz disse: "A professora Maria Adélia está interessada em se transferir da faculdade de Arquitetura...". E eu falei: "Olha, eu não pedi coisa nenhuma. Agora, o senhor ponha aí o seguinte despacho: 'Publique-se o resultado de uma seleção para professor substituto, que teve e eu fiz. E já faz um ano e o resultado não saiu'". Banca: Gil Toledo, Adir Rodrigues e a presidência do Paulo Perides. Aí o reitor me perguntou: "Você quer ir para lá?". Respondi: "Quero. Mas quero antes que você dê esse despacho e volte para o Queiroz, que eu vou lá". E fui, mas como sempre falei com Dona Julieta e confesso que não fui elegante. Ela também não era! Como todo porta-voz! Aí o departamento divulgou o resultado do concurso. Dona Julieta, quando da nossa "amável" conversa, falou-me: "Mas essa vaga é do Francisco Scarlatto". E eu: "O Scarlatto ainda não é doutor. Eu sou doutora. Você, além de ganhar a minha vaga, que eu vou trazer da FAU, você ganha uma segunda vaga porque como eu já tenho doutorado, eu mudo de nível e entra o segundo colocado". Não usei a vaga do departamento! Que era exatamente a do Scarlatto. Mas ela

dizia: “A vaga é do Scarlato! Meu amigo Chico não precisava de garantias em concurso, desse tipo, pois é um excelente colega e professor. Mas assim eram os concursos... As vagas tinham donos!

No entanto, o professor Nestor tinha me perguntado se eu não queria ficar na FAU e eu lhe disse: “Não, agradeço imensamente, adoro a FAU, mas quero voltar para a minha tribo”. Tinha havido um concurso na disciplina Planejamento de outro departamento da FAU e fui me informar para ir trabalhar lá. Mas todas as coisas na universidade têm donos e tribos. Eu jamais pertenci a nenhuma delas. Então respondi ao professor Nestor: “Já que a tribo daqui não me quer, eu vou para a Geografia”. E mal sabia eu que a Geografia também não me queria! Mas, voltando ao concurso da Geografia, depois da conversa com o reitor e com o porta-voz da chefe do departamento, Dona Julieta, saíram as notas do concurso: a banca deu 9,2 para mim, e para o Chico, que não tinha doutorado, nunca tinha orientado ninguém, 9,1. Eu adoro o Chico, convivi com ele no departamento, tenho o maior respeito intelectual pelo Chico, ele sempre está nas minhas bancas, mas até hoje há certas coisas lamentáveis nas circunstâncias da vida acadêmica. Fui aprovada no concurso de professor substituto, embora não precisasse, mas foi a única maneira que encontrei, ajudada por alguns colegas da Geografia. Entrei num concurso de mestre sendo doutora, assumi minha posição e liberei a vaga, pois já tinha a minha. Eu subi e eles ganharam uma vaga de doutor. Esse mesmo infeliz processo iria se repetir, de forma até mais cruel, com o Milton Santos. Mas essa é outra história da Geografia paulista, da Geografia uspiana.

E foi assim que voltei para a Geografia. Só que eu voltei, mas não voltei, porque o departamento de Geografia nunca me deixou ensinar Geografia lá. Nunca lecionei uma disciplina geográfica na graduação. A vida inteira ensinei Planejamento Urbano, sexta à noite e sábado de manhã. Podem conferir no meu histórico e nos horários daquela época. A vida inteira. A Associação dos Geógrafos Brasileiros nunca me notou! Este seminário aqui em Alfenas é a primeira vez, nos meus 58 anos de carreira, em que eu sou convidada formalmente para participar de uma reunião nacional de geógrafos que seja organizada, não por estudantes, mas por colegas meus. Devo isso ao professor Márcio<sup>4</sup>, meu ex-aluno na USP. Já fui muitas vezes convidada em Santa Catarina, Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro antigamente,

---

<sup>4</sup> Márcio Abondanza Vitiello, Professor Doutor do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências da Natureza, da Universidade Federal de Alfenas UNIFAL (MG).

Bahia, Amazonas e pela Prefeitura Municipal do Pará para reuniões acadêmicas, locais ou estaduais. Nunca para uma reunião Nacional, exceto talvez em uma reunião da ANPEGE<sup>5</sup> em Santa Catarina organizada por Ewerton Vieira Machado, se não me falha a memória. De qualquer modo, sou uma geógrafa ignorada pela Geografia do Sudeste e Sul do Brasil, excetuando-se a UFSC, a UEL, a UNILA e, episodicamente, a UNESP-Rio Claro. Comento isso por conta da especificidade da minha carreira de geógrafa, onde abri muitas portas, no campo do planejamento, para outros geógrafos! Teria sido muito importante para os jovens conhecerem essa experiência e aprofundar a formação quanto ao planejamento no curso de Geografia, que continua a ser uma disciplina marginal, embora haja espaço para um monte de pedacinhos do mundo de interesse individual do professor que vira disciplina na graduação, na pós-graduação, por exemplo. Estarei equivocada? Quem, no Brasil, forma planejadores territoriais que não sejam sinônimos de urbanistas?

Faz parte da minha história. Você pode olhar a programação da AGB<sup>6</sup>. A AGB, que convida Deus e o mundo para fazer conferências, repetindo inclusive o mesmo convidado. Não direi nomes para não criar constrangimentos. Não sou uma estrela. Não sou porque não gosto de ser. Agora, quando eu estou fazendo o meu trabalho eu exijo respeito, porque não é possível os geógrafos brasileiros não terem o menor interesse pelo conhecimento produzido por uma colega que fez a primeira política urbana do país! Que participou da realização da primeira regionalização administrativa do Estado de São Paulo! Que coordenou as primeiras políticas de Desenvolvimento Urbano e Desenvolvimento Industrial do Estado de São Paulo! Que fez sozinha a Primeira Política de Desenvolvimento Urbano e Regional para a Sudesul! É motivo de orgulho, para qualquer categoria profissional, participar desses trabalhos em uma República que se preze! Do mesmo jeito que eu fiquei orgulhosa quando essa colega geógrafa, a Larissa<sup>7</sup>, produziu esse excelente Atlas referente ao seu importante estudo sobre agrotóxicos no Brasil<sup>8</sup> em 2017. Tomei a iniciativa de escrever para ela e cumprimentá-la. Posso ter críticas a fazer ao seu método de trabalho, mas isso é outra questão interna. O fato é que fiquei envaidecida. Primeiro,

---

<sup>5</sup> ANPEGE: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

<sup>6</sup> AGB: Associação dos Geógrafos Brasileiros.

<sup>7</sup> Larissa Mies Bombardi, professora doutora do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>8</sup> Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia.

porque é um trabalho importante; segundo, porque é uma denúncia importante; e terceiro, porque ela fez tudo bem feito. Não é o meu método de trabalho na Geografia, mas é uma Geografia bem feita. Agora, nunca a AGB me notou, nem quando foi dirigida por ex-alunos meus, que estiveram comigo em sala de aula. Acho que não sou uma professora “enroladora”: nunca faltei à aula, sempre fui muito criativa nas aulas, fazendo de tudo para estimular os meninos a estudar. Eu adoro ser professora. Por isso eu nunca escrevi livros. Minha vida foi dedicada a formar pessoas.

Nessas circunstâncias tão acolhedoras da Geografia paulista e brasileira, vamos, Milton Santos e eu (como presidente e secretária executiva), dirigir a Anpur<sup>9</sup>). Milton sempre presidindo e eu dizendo: “Vá escrever o seu livro que eu seguro as pontas”. Pacto: “Você vai fazer a Geografia brasileira ter visibilidade e competência. E estamos juntos nessa”. Há aqui uma história importante para a Geografia brasileira que eu preciso contar, pois foi vivida por mim. O Milton, que havia voltado para o Brasil e estava saindo novamente porque a Universidade Federal da Bahia não o reintegrou após a sua volta do exílio. Ele foi para a Bahia, lá era o lugar dele. Estou falando de 1973. Em 1997 ele foi reintegrado à Universidade Federal da Bahia. Fiquei sabendo que ele ligara para a Hélène Lamicq, em Paris — mulher do Michel Rochefort — falando que estava voltando para o exterior porque não tinha trabalho aqui no Brasil. Aí a Hélène me telefonou e contou que disse a ele: “Vou ver como andam as coisas aqui e te ligo amanhã”. Hélène Lamicq ligou para mim. Sabia que eu estava trabalhando no governo de São Paulo e qual era minha função, ou seja, eu era a coordenadora da Ação Regional do Estado de São Paulo. Voltava, portanto, a trabalhar com essa questão. Apenas um parêntesis com a história de Milton Santos e sua volta ao Brasil. Acompanho há anos essa movimentação da Ação Regional em São Paulo. Participei da criação da Ação Regional do Estado de São Paulo, como já disse, no governo Abreu Sodré, cuja estrutura está aí funcionando até hoje! Cada governador faz da ação regional o que bem entende. O governador Laudo Natel<sup>10</sup> dizia que usava a Ação Regional para a entrega de convite de casamento aos filhos dele (risos). O governador Franco Montoro<sup>11</sup> manteve a Ação Regional, mas o Carlos Estêvão Martins<sup>12</sup>, cientista político, reformulou a

---

<sup>9</sup> Anpur: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional.

<sup>10</sup> Laudo Natel governou São Paulo entre 1966 e 1967 e em seguida, entre 1971 e 1975.

<sup>11</sup> Foi governador do estado de São Paulo entre 1983 e 1987.

<sup>12</sup> Carlos Estêvão Martins foi Secretário da Educação do Governo Montoro.

regionalização que havíamos feito, aí eu reclamei: "Estêvão, o que você entende de território?". E ele alterou tudo, mas eu havia realizado de tal modo o projeto de lei que a Assembleia Legislativa acabou aprovando minha regionalização, que havia sido revista por mim, pela segunda vez, no governo Paulo Egydio Martins. Não foi sem razão que fiz o meu mestrado em Ciência Política, Econômica e Social. Mas, voltando ao Milton Santos, a Hélène Lamicq, nossa colega geógrafa francesa, me ligou e eu não sabia que o Milton estava de volta ao Brasil. Eu disse a ela: "O poder a gente tem que usar em benefício do povo". E o Milton, eu sabia que ele era um homem inteligente e que dava uma enorme contribuição ao Brasil com as suas reflexões. Eu disse que podia contratar o Milton para ser meu assessor, "mas não sei se ele aceitará", disse eu à Hélène". Sabendo disso, depois desse telefonema da Hélène, que me deu o número de telefone de Milton na Bahia, que eu não tinha, decidi ligar para ele. E fiquei brava: "Rapaz, como é que você está no Brasil há três anos e não me liga? Que amizade é essa que a gente construiu em Paris?" Dei-lhe um "puxão de orelha". Aí eu falei: "Milton, você vem que tem trabalho aqui em São Paulo. Depois você vai trabalhar na USP. Não vai ser fácil, mas você vai trabalhar na USP". Aí ele falou: "Não, não sei o quê, não sei o quê, trabalhar no governo da ditadura etc. etc.". Eu disse brincando: "Então, que tal irmos para a lua trabalhar?" (risos). Disse um monte de coisas, não me lembro mais...". Eu apenas lhe disse: "Olhe, estou mandando uma passagem e quero falar com você aqui".

### **Isso em que ano foi?**

1973. "Eu quero você aqui amanhã, reunião comigo às duas da tarde. Tudo pago: hotel pago, comida paga e um pró-labore. Eu quero 24 horas do seu tempo. Eu vou lhe dizer o que estou fazendo e onde eu quero que você me ajude". Eu estava fazendo a primeira Política de Desenvolvimento Urbano do Estado de São Paulo e a Primeira Política de Desconcentração e Descentralização Industrial do Estado de São Paulo.

Milton veio a São Paulo, acertamos um contrato a partir de seu notório saber, dentro da lei, e ele me ajudou a estudar o terciário no Estado de São Paulo, questão difícil de ser estudada. Porém, ao contratar Milton Santos, Jorge Wilhem, que era o secretário do Planejamento, me demitiu. E Milton saiu logo depois... Mas essa é outra história, para outra entrevista, aí para os planejadores...

Veja: com todo esse trabalho feito para o povo paulista, a AGB nunca me chamou para falar sobre isso. Um esquerdismo vesgo, penso eu, porque eu trabalhava no governo – segundo muitos na época, “para o Regime Militar”. E os professores de uma universidade pública trabalhavam para quem? Tempos bem difíceis, aqueles! Deformações e patrulhamentos duros de uma tal “esquerda”. Eu fiz muitas propostas de cursos para dar disciplinas na graduação do departamento de Geografia da USP: Metodologia da Geografia, que conheço bastante, e outras tantas. Eu não tinha tomado consciência disso. Meu filho, que eu não sei o que ele está fazendo com a minha vida, uns dois anos atrás me falou: “Mãe, cadê os seus planos de aula desses cursos todos?”. Eu respondi: “Estão naquela caixa, ali — pois eu sou bem organizada”. Ele foi lá e falou: “Mãe, por que tem doze planos escritos assim: não aprovado, não aprovado, não aprovado? Não aprovado por quem, mãe?”. Respondi: “Pelo Conselho do Departamento”. “Mas tudo isso, mãe?”. Geografia do Estado de São Paulo, Geografia Regional, Teoria Regional, Geografia Urbana, História do Pensamento Geográfico, que é uma área complicadíssima de estudar, mas essencial. Metodologia e Planejamento, que eu já lecionava.

Então, como estava dizendo, e retomando a vinda de Milton para São Paulo, que não queria vir. Mas veio. Eu segurei o Milton e propus a ele o seguinte: “Tenho que fazer a política de descentralização industrial, mas acho que não vai vingar, porque toda a grande indústria paulista consiste majoritariamente nas grandes empresas multinacionais, que ainda preferem o ABC ou o eixo em torno de Campinas para se instalar”. “Eu estou com uma dificuldade porque percebo que há um setor não industrial que está alimentando a economia paulista, que é o setor de consultorias”. Estava começando a chegar a informatização, a indústria baixando o número de empregos. E a economia informal aumentando. O professor José Pastore, nosso colega da Economia, estava estudando o trabalho informal lá na FEA (Faculdade de Economia e Administração da USP). Disse também a Milton: “Você criou lá em Paris, em 1966, que eu tenho até hoje, essa apostila, o conceito de economia informal. Não são os economistas, é você, quem criou. Venha estudar isso para São Paulo e fazemos um contrato de consultor, você vai ser meu consultor, e a única coisa que eu quero é que você apareça aqui na Secretaria, é uma vez por mês, para fazer um seminário com os técnicos, para aprimorar seus conhecimentos e fazer uma reunião comigo quando eu precisar discutir as questões da política urbana e da política industrial. Eu falei: “Milton, eu quero que você venha fazer um seminário por

mês para ajudar na capacitação dos meus assessores". Quando assumi a Ação Regional eu tinha novecentos funcionários, entre administrativos e técnicos. Havia trezentos técnicos. Tinha um tal balcão que se chamava "Balcão industrial". Olha o que o governo de São Paulo fazia de graça para as empresas multinacionais! Tinha um grupo excelente de técnicos encarregados de elaborar para as grandes empresas – japonesas, italianas – os projetos de localização. Então eu perguntei aos técnicos: "O que vocês lucram com isso?". "Ah, a gente localiza...". Eu perguntava: "E a empresa aceita?". "Claro que não. Ele vai fazer um estudo de mercado e vai aonde lhe convier, não aonde o governo indica...". Eu sempre dizia aos técnicos: "Como você diz para onde a empresa deve ir, se o governo não tem uma política urbana e regional?". Foi aí que eu tive a ideia de fazê-las. É por isso que surgiu a primeira política urbana industrial, na qual o Milton foi meu assessor – meu não, do Governo e do povo paulista. E ele vinha fazer um seminário por mês para falar de Geografia, de território, das coisas que estava terminando de fazer (ele tinha acabado de escrever *Por uma Geografia Nova*).

**Professora, estamos chegando a quase duas décadas sem o professor Milton Santos. Como a senhora avalia a interlocução com a sua obra e com a Geografia proposta por ele hoje na universidade?**

Eu vejo um oportunismo, por um lado. Todo mundo começou a falar em território, mas fala errado, porque não estudou o Milton. Eu o vejo sendo mal usado por esse oportunismo e carreirismo intelectual dominante, com as exceções de sempre, evidentemente. Porque, se você entende de metodologia, você lê um texto, eu sei o que você está pensando e vejo que você não traduziu no seu texto um sistema coerente de ideias. Porque você não pode ficar pegando elementos da Geografia Analítica, da Hermenêutica ou da Dialética sem saber o que está fazendo. Você pode misturar os métodos, não tem problema nenhum. Só que tem uma hora de você ser analítico, mas essa análise tem que traduzir a sua perspectiva de método. O que é perspectiva de método, sobre a qual eu vou falar hoje à noite? É uma perspectiva filosófica. O que é uma perspectiva filosófica? É a sua visão de mundo. Eu tenho a minha visão de mundo. Eu brigo pela maioria, não aceito a pobreza, não aceito a violência, não aceito a desigualdade. Como eu estudo a desigualdade? Entendendo como é que o modo de produção se realiza no meu país, que tem na sua essência a exploração do trabalho. E aí eu vou ler Marx. Mas volto a ser

geógrafa. E torno a dizer que o grande problema do meu país, hoje, e essa é a essência do meu livro *Geografia do Brasil*, é a espoliação dos recursos naturais que se faz desde a Companhia das Índias, quando ela chegou aqui em 1500. Começa com pau-brasil e não parou até hoje. Está em Poços de Caldas estourando tudo. Minas Gerais é um tatuzal no seu subsolo! Cheio de buracos, podre! Minas está desmoronando e os geógrafos mineiros estão estudando o quê? Eis uma boa pesquisa! Estão sendo consultores de mineradoras ou estudando as imensas desigualdades socioespaciais crescentes nesse magnífico Estado brasileiro, que tem na sua base a exploração dos recursos naturais?

**Como a Serra do Curral, que faz parte do cartão-postal de Belo Horizonte. Quando você chega atrás dela, você vê que ficou só a casca.**

E eu fiz um plano de trabalho para ajudar Minas. Preparei-me e inscrevi-me em um edital de concurso aberto pelo Departamento de Geografia da UFMG, para professor Sênior. Estranhamente, exigiam-se apenas dois anos de doutorado! Sênior com dois anos de doutorado, só por milagre! Não me detive nesse detalhe, mas depois entendi que era uma escaramuça. O concurso realizado e eu, com 58 anos de Geografia e 45 de doutorado, perdi o concurso sendo apenas duas candidatas. E a minha ideia era propor, no Plano de Trabalho que realizaria caso fosse aprovada como professora sênior, a criação de um sistema de monitoramento de uso do território mineiro e desse monitoramento extraí uma imensidão de problemas a serem pesquisados nos doutorados e mestrados que o programa de ensino exigiria, bem como indicações aos governos estadual e municipal sobre questões relativas aos respectivos planejamentos territoriais. O edital dizia que uma das funções do professor sênior era a de participar da renovação epistemológica e teórica da Geografia do departamento. Imaginem! Editais, editais... Eu sou messiânica, fazer o quê? Imaginava que poderia convidar meus colegas do departamento para fazer um esforço coletivo através de colóquios internos e com convidados externos e ter uma opinião geográfica consistente sobre o uso do território mineiro, seus problemas e as políticas que orientariam um uso menos predatório do território do Estado, que poderiam ser implantadas e inclusive informariam a população mineira e brasileira. Bom lembrar que em 2019 muitos “acidentes ambientais” aconteceram em Minas Gerais, como estouro de barragens, causando muitos danos e mortes. Eu sabia das dificuldades desse tipo de trabalho coletivo, profissional, e que não era uma ação



entre amigos. Isso é muito difícil na universidade, mas eu tentaria fazer esse esforço. E se a pós graduação não topasse eu imaginava levar a proposta à pró-reitora de extensão. Está no meu plano de trabalho. A gente reuniria em Belo Horizonte todos os programas de Geografia, de pós-graduação, e faríamos uma discussão a partir de uma proposta que construiríamos juntos, organizando as pesquisas que estavam sendo feitas e citando outras que faríamos. Eu arcaria com a discussão desse projeto, megaprojeto, para entender o uso do território mineiro. Território que está podre, e cada colega convidado, a partir da sua região do Estado, se encarregaria de construir um método só, porque é a teoria que faz a união. Mas a Geografia é uma ciência empírica por excelência. Participariam o pessoal de Montes Claros, de Uberlândia, o daqui do Sul de Minas, vocês, o pessoal de Viçosa e o de outros centros onde existisse curso de Geografia. Uma beleza de projeto, modéstia à parte, a que eu imaginei para Minas! E a gente trabalharia todo mundo junto, fazendo uma divisão de tarefas. O povo de Alfenas em Alfenas... O povo de Montes Claros... E a gente teria um sistema de monitoramento do uso do território compartilhado com todos os programas. Mas fui reprovada no concurso e meus sonhos mineiros... se perderam. Mas não minha esperança pela construção de uma universidade digna, ética, com uma Geografia competente para o Brasil.

### **É irreversível, isso?**

Os alunos que assistiram a todas as provas do concurso das duas candidatas ficaram indignados com os resultados e entraram com requerimentos na administração superior questionando o resultado do concurso. Mas o departamento homologou o concurso. Aí, não há o que fazer! A outra candidata tinha todo o direito de se inscrever, pois se ajustava direitinho, como uma luva, ao edital. Este, sim, tinha erros, pois não se tem um professor sênior, com tudo o que se deve exigir dele, com dois anos de doutorado! Eu percebi isso quando li o edital, mas imaginei que meus colegas soubessem fazer a escolha que lhes interessava e convinha para os destinos e a inovação da Geografia, como dizia o edital. Independentemente disso, eu me inscrevi! Santa ingenuidade! Quem não sabe o que é um professor sênior? Aqui no Brasil não é sinônimo apenas de doutor, como nos Estados Unidos! Aqui sênior é sinônimo de experiente, capaz de ensinar coisas que outros não sabem. Com experiência em múltiplas atividades acadêmicas, orientação de alunos em trabalhos de graduação, mestrado, doutorado, realização de seminários e, claro,

sendo uma liderança intelectual no âmbito da disciplina que abre o concurso. Achei que preenchia em cheio essas exigências e atendia mais que plenamente aos meros dois anos de doutorado exigidos pelo edital. Mas o departamento de Geografia da UFMG tinha outro critério e outra concepção política, academicamente falando, para a atualização da Geografia que praticavam e para o que pretendiam mudar. Não venceu a Geografia Nova. Venceu a concepção que atendia melhor àquele departamento e aos seus projetos acadêmicos e científicos.

Mas, mudando de assunto, por favor, leiam um livro que se chama *A Consagração da Mentira*. É a mais bonita crítica que li sobre estes tempos de globalização. Tem dois livros importantes, meus preferidos, para se entender a globalização criticamente. Um é de Milton Santos, *Por uma Outra Globalização*, e o outro é esse *A Consagração da Mentira*, de José Carlos Bermejo. Ele é professor lá na Espanha, na Universidade de Santiago de Compostela. É historiador e filósofo, e faz uma crítica ao feminismo genial, que é a mesma de Milton, que é a mesma minha. Eu não entro em luta quebrada. Se você não mexer na totalidade, você não resolve a parte quando se trata, sobretudo, de problemas sociais. Eles sempre são estruturais, não conjunturais, embora se manifestem setorialmente, tematicamente. Você nunca resolveu a questão da habitação, você nunca resolveu a questão do feminismo, você nunca resolveu a questão da pobreza, porque você foca no pobre. Você não pode focar no pobre. Aí tem que ler outro. Um francês que se chama Joseph Jucotot, nascido em Dijon em 1770. Como revolucionário ele participa da Revolução Francesa, em 1789, elaborando uma proposta para revolucionar a educação de modo que ela fosse universal. Mas, discordando dos rumos que a revolução tomou, exila-se na Bélgica e será professor na Universidade de Louvain. Seus textos, especialmente *O Professor Ignorante*, que merece ser lido, estão na internet e podem ser baixados.

**Professora, e o período popular da história. Como é que a senhora pensa sobre essa questão? Ele continua sendo uma realidade?**

Eu acho que o período popular da história começou em 2001, com o ataque às Torres Gêmeas. Foi ali. E por quê? Então, você vê: o período popular está fundamentado no grande conceito revolucionário do Milton, cujo esquema eu vou mostrar hoje. É muito complexo. Mas eu vou enunciá-lo na minha conferência, para vocês saberem que ele existe. Isso é motivo para um curso.

**Mas a gente já está esperando a senhora aqui para esse curso.**

[risos] Virei com muito prazer. O território usado, por exemplo, é esse direito que você tem quando nasce, logo ao sair da barriga da sua mãe. Até lá, você usava o território dela. A sua vida dependia dela. Quando você sai dela, você tem que se virar pela sua vida, porque você passa a existir. Isso é Jean-Paul Sartre. Isso é o existencialismo humanista. Ele escreveu sobre isso. Então, quando você passa a ter direito ao uso do território, é uma questão política. Por isso esse conceito, e não de espaço, que é instância! É no direito ao uso do território que está o problema político da existência. E o uso varia de uma formação econômica para outra formação econômica, como diz o Marx. Ou de uma formação socioespacial para outra formação socioespacial, como diz o Milton. O Milton criou e publicou esse conceito numa revista americana<sup>13</sup>. Se o tivesse publicado na AGB, que ninguém lê, no *Boletim Paulista de Geografia*, tudo bem. Mas ele o publicou numa revista americana de altíssima capacidade de divulgação pelo mundo, logo com uma possibilidade de leitura enorme. E a professora Doreen Massey, da Inglaterra parece ter desconhecido o conceito de formação socioespacial do Milton, que tem a ver com o território usado, na minha leitura, e com o conceito de lugar, porque o Milton não sabia valorizar a sua obra. Ele me pedia para ir dar aula sobre a sua obra. Fui à Argentina, fui para todo canto, porque ele não sabia explicar a obra dele (risos). E eu sabia. Ele me dizia que eu dava um *upgrade* na sua obra. É uma obra genial! Isto aqui é um lugar. Quando nós sairmos daqui, depois dessa conversa, isto aqui não será mais um lugar, será um espaço disponibilizado para a constituição de outros lugares. Então não é encruzilhada, porque, como encruzilhada, a Doreen fixa o conceito de lugar, materialmente, por isso eu trouxe seu nome aqui. E não é. O lugar é o espaço do acontecer solidário e da resistência. Para viver, a maioria da população do mundo tem de resistir! É disso que estamos falando, não da nossa e do nosso vizinho ou compadre. Porque para existir você tem que resistir, na história do capitalismo. Por isso é que tem que ter uma visão de mundo, ou não? Até o grande capitalista, até ele tem que resistir, porque, se se distrair, ele perde tudo o que tem! A resistência não é só da esquerda. Será que dá para entender?

**Ótimo. Nossa, você tem que falar isso.**

---

<sup>13</sup> Revista *Antipode*, 1977.

Eu vou falar. E aí eu incomodo, as pessoas me desrespeitam, dão risadinhas. Você falando coisas sérias. Eu estou no final da vida, já fiz a minha carreira e, apesar dessa história de perseguição, de preconceito e de leitura enviesada, eu fiz a minha carreira, muito bonita, e formei grandes alunos. Não tenho um único aluno desempregado. Um sequer. E não tenho aluno se enriquecendo à custa da esquerda. Os meus alunos são todos grandes e bons professores que estão ensinando e formando gente boa. É isso que me agrada.

### **A senhora faz uma crítica bem forte à esquerda.**

Faço. Eu sou de esquerda, mas sou da boa esquerda. Os meus colegas não acham. Como eu trabalhei durante o regime militar nos governos, eles acham que eu sou de direita. Aliás, um dia uma colega me disse isso no Laboplan<sup>14</sup>, o laboratório que dinamizei e onde trabalhamos, eu e alguns colegas, em tempos memoráveis do departamento de Geografia da USP. Uma colega tentou acabar com a minha vida na USP, porque ela disse que eu era gente do SNI<sup>15</sup>. Eu fechei o SNI da USP, aquele que existia lá, e nenhum reitor dito de esquerda o fechou, nem a ADUSP<sup>16</sup>, que reclamou pela existência do escritório do SNI que tinha dentro do gabinete do reitor. Eu, quando fui chefe do gabinete do reitor Fava de Moraes, encerrei as atividades desse serviço, pelo menos institucionalmente, na USP. É evidente que o SNI tem seus agentes secretos entre nós hoje. Mas isso não era culpa minha! Eu tenho culpa da vida me presentear sempre? Eu não tenho culpa de ter conhecido Josué de Castro e de ser amiga do Milton Santos. Não tenho culpa de ter sido aluna do Sartre. Mas fui, e porque quis ser. Depois fui chefe de gabinete do reitor da USP, aliás um grande e justo reitor. Ele foi me chamar em casa: “Adélia, meu chefe de gabinete – meu ilustre colega José Augusto Guilhon de Albuquerque – está saindo e eu preciso de alguém. Você tem experiência de gestão administrativa, você já trabalhou no governo, foi prefeita da USP, você poderia muito bem ser minha chefe de gabinete”. E eu disse ao meu amigo reitor: “Vou, mas você deixa eu fazer o que eu quero? Primeiro: nós vamos fazer uma reforma na Graduação. E eu vou montar uma comissão de doutores, professores, para nos ajudar. Você topa?” “Claro, Adélia.” “Então, vai. Segundo: eu soube que tem um negócio do SNI lá dentro e eu vou fechar. Terceiro: eu quero saber qual é a renda industrial da universidade para a

<sup>14</sup> Laboplan: Laboratório de Geografia Política, Planejamento Ambiental e Territorial.

<sup>15</sup> SNI: Serviço Nacional de Informação.

<sup>16</sup> ADUSP: Associação dos Docentes da USP.

gente montar um fundo de socorro a estudantes pobres." E queria fazer um levantamento das heranças vacantes, espólios que a universidade de São Paulo herdava de famílias sem herdeiros. E fiz tudo isso! Muito ajudada e apoiada também pela minha vice-reitora, uma mulher admirável, a professora da Faculdade de Educação Myriam Krazilchik. Experiência incrível de gestão universitária. Por isso não tenho paciência com a molecagem nos concursos, bancas etc. Conheço, sobejamente, as entranhas da vida acadêmica e sempre lutei contra suas mazelas.

### **Isso foi na década de 1990?**

Foi em 90. Daí eu deixei a chefia de gabinete, para tristeza do meu reitor, porque eu ia fazer concurso para professor titular e não queria fazer concurso para titular tendo uma função alta na universidade. Eu acho isso antiético.

### **Professora, acerca das políticas públicas, poderia discorrer um pouco?**

Primeiro, não é política pública. Isso é um linguajar neoliberal. Porque a política, na sua essência, ela é pública e diz respeito ao interesse público. A gente chama isso de tautologia. É igual à espacialidade do espaço e a territorialidade do território. Não é preciso. Toda política é pública. As empresas não fazem política, fazem negócios e agem visando ao lucro. Os donos ou o acionista maior da empresa decidem o que fazer e não são eleitos seus líderes! Quem vai inventar aquela coisa de que tem que ter "política pública" no governo? O Banco Mundial. Quando ele vai fazer financiamentos, astuciosamente, ele cria esse conceito. Não precisa falar que é público. O Banco Mundial anuncia que é pública, mas ele fez outra. "O Banco Mundial vem para fazer política pública." Não veio. Ele põe um dinheiro aqui, que vai direto para as empresas.

### **E se nós fôssemos prefeitos, por exemplo, e desejássemos fazer uma política pública na área da saúde. O que cada um deveria dizer?**

Você fala que é uma política de governo. Você é o governo. Você é público. Se você precisar dizer que você é público, é porque você não é. Existe a Política de Saúde Pública, e aliás ainda não conseguimos tê-la plenamente no Brasil. Tanto é que não conseguimos terminar de implantar o SUS como um serviço público e universal autêntico. O SUS ajuda também a iniciativa privada. Educação e Saúde no Brasil são investimentos privados, não sociais, públicos! Mas a toda hora são consideradas

“políticas públicas”! Lamentavelmente. Ainda inventam metáforas como a de política pública. E o neoliberalismo de esquerda adora falar em política pública. Preste atenção nos colegas das Ciências Sociais e mesmo da Geografia: todos falam em política pública! Preste atenção nos candidatos ou governos de esquerda. Todos falam em política pública e sustentabilidade! Pobres coitados, não sabem o que falam! Como a esquerda na universidade fala, os políticos, assessorados por ela, repetem essa besteira.

### **Notas de Autor**

#### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

**Gil Carlos Silveira Porto** - Concepção. Realização da Entrevista. Edição. Revisão da versão final do texto.  
**Márcio Abondanza Vitiello** – Realização da Entrevista. Edição. Revisão da versão final do texto.

#### **FINANCIAMENTO**

Não se aplica.

#### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

#### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

#### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

#### **LICENÇA DE USO**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY-NC](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, sem uso comercial e desde que atribua a autoria da obra.

#### **HISTÓRICO**

Recebido em: 30-08-2020

Aprovado em: 15-09-2020